

CORPO, GÊNERO E SUBVERSÃO: INTERFACES ENTRE FILOSOFIA, LINGUAGEM E WITTGENSTEIN

BODY, GENDER AND SUBVERSION: INTERFACES BETWEEN PHILOSOPHY, LANGUAGE AND WITTGENSTEIN

Magno Jonas Ribeiro¹

Resumo: O presente trabalho tem a intenção de mostrar como se dá a relação entre gênero, corpo e seus problemas transdisciplinares. Tal concepção é explorada no trabalho para compreender em que dado momento a desigualdade de gênero ganhou uma legitimação lingüística em sua existência, contribuindo assim para a submissão e exclusão da mulher como presença igualitária de existir. Para isso, utilizou-se como método de investigação a filosofia da linguagem para fazer tal percurso na história da filosofia antiga. Também fez uso da filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, mais precisamente o conceito de “jogos de linguagem” para melhor compreender a relação e subversão de gênero nos dias atuais. E por fim, esse percurso tem a intenção

¹ Possui graduação em Psicologia - Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2014). Pós graduação stricto sensu - Mestrado em Science of Technologies in education em andamento pela MUST University e pós graduando em ciências humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Papéis e Estruturas Sociais

de pensar sobre a importância da autonomia das mulheres em sua autenticação de um corpo, fruto desse da origem de metáforas e produção de subjetividade.

Palavras-chaves: linguagem, gênero, corpo

Abstract: The present paper intends to show how the relationship between gender, body and its transdisciplinary problems occurs. Such conception is explored in the work to understand in which given gender inequality gained a linguistic legitimation in its existence, thus contributing to the submission and exclusion of women as an egalitarian presence to exist. For this, it was used as method of investigation the philosophy of the language to make such route in the history of the old philosophy. Also made use of Ludwig Wittgenstein's

philosophy of language, more precisely the concept of "language games" to better understand the relation and subversion of gender in the present day. And lastly, this course intends to think about the importance of women's autonomy in their authentication of a body, the result of the origin of metaphors and the production of subjectivity.

Keywords: language, genre, body

INTRODUÇÃO

O Corpo é a origem de todas as expressões humanas. Por ele, forma-se narrativas para a produção de subjetividade. Essa tal subjetividade, é por si, a expressão máxima da vida, autenticada no corpo de quem o utiliza.

Com isso, o corpo con-

figura-se como objeto em vários campos do saber, é uma das expressões finais da linguagem, o que interliga o indivíduo ao meio, mundo, e aos fenômenos sociais, mas o que exatamente define os contornos filosóficos de um corpo?

Podemos classificar o corpo em perspectivas múltiplas, e suas relações de existir transformam-se em problemas transdisciplinares. Isso faz com que o “corpo” exista como uma reivindicação do “vir-a-ser”. Ou seja, como depósito de experiências para a construção da consciência de si, de estar em contato das próprias escolhas. Mas, como se dá esse movimento de contato com tais fenômenos das experiências, e seus impactos na compreensão da sintonia do corpo com “si”?

Nessa mesma jornada de autenticação do existir do corpo, encontra-se também o gênero fe-

minino, mas com uma diferença crucial que, de certa forma, torna tal autenticação mais distante e difícil: A desigualdade de gênero e os obstáculos sociais construídos através dos tempos.

Com isso especificamente, o corpo da mulher tem seus contornos filosóficos mais intrigantes no que concerne aos problemas transdisciplinares, pois está à margem de uma interpretação patriarcal. Ou seja, a uma definição que dita suas extensões e limites.

Na história da filosofia, a mulher tem seus percalços e desafios para encontrar um equilíbrio nas relações de gênero e com isso possibilitar a ideia autônoma de definição própria de seu corpo. Assim, tal dificuldade faz com que sua jornada seja intensa na ocupação de espaços até os dias atuais. Mas isso tem como ligação arquetípica, diversas re-

lações com figuras femininas ao longo da história do gênero que representa a luta e a conquista por amplo espaço de existir.

Na Grécia antiga as primeiras idéias na história humana sobre o feminino têm em seu início a partir de uma narrativa filosófica, ou seja, o feminino tem sua origem no discurso filosófico, e esse discurso aponta também, como funcionava a relação de gênero nessa ocasião, como cita Tedeschi (2008)

Sabemos que a cultura clássica foi a matriz do pensamento ocidental que transmitiu funções, princípios morais, costumes, transformados em tradições. O olhar masculino transforma a mulher em objeto. Apresenta as mulheres como criaturas irracionais, sem pensar próprio, pouco criativas, sem espírito estético, de-

pendentes do seu corpo. Em consequência, necessitavam, devido à sua natureza, ser submissas e controladas pelos homens. Em consequência, necessitavam, devido à sua natureza, ser submissas e controladas pelos homens. Essas representações ligadas ao poder masculino produziram a identidade e a alteridade (TEDESCHI, 2008 p. 96)

Segundo o autor, a relação de desigualdade de gênero e por ventura, a submissão das mulheres está intimamente ligada ao desenvolvimento de um discurso que estruturou o saber ocidental, em um olhar que cita a mulher como criaturas irracionais e sem espírito estético, Tal afirmação remete a entender como era essa relação de gênero e como for-

mou-se tal desigualdade.

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise sobre como a linguagem tem sua importância na construção do saber ocidental sobre a mulher e sua contribuição para o entendimento da desigualdade de gênero através dos tempos. Como o método próprio da filosofia da linguagem, faz essas investigações e como abriu-se uma brecha para a subversão de gênero, criando uma relação de submissão da mulher para o homem. Por fim, será utilizado especificamente o método investigativo de linguagem do filósofo Vienense Ludwig Wittgenstein, como leitura dos dias atuais na contribuição da relação de corpo e gênero. Mas precisamente para o entendimento dessa relação será utilizado o conceito de jogos de linguagem desenvolvido pelo filósofo.

LINGUAGEM, GÊNERO E FILOSOFIA

Na história da filosofia a linguagem tem uma participação importante. Pois por meio dela as pessoas criaram os sistemas simbólicos de representação e significado, e tal tradição era comum na Grécia. Acreditava-se que a definição de existência das coisas estava relacionada pelo significado que cada coisa já tinha. Ou seja, o significado da coisa já estaria embutido na palavra, como cita Ribeiro (2014):

Dentro do contexto histórico-filosófico, a linguagem vem sendo estudada de diferentes maneiras, Já na antiguidade grega, acreditava-se que as palavras correspondiam às coisas que representavam. Tal conjectura nos leva ainda hoje a indagar

se existira alguma correspondência entre as palavras e as coisas (RIBEIRO, 2014 p.454)

Outra maneira de examinar o uso da linguagem, segundo Tedeschi (2008), também na Grécia, uma das funções que a linguagem possuía era sobre construção de representação no existir social. Tal representação que estruturava-se no olhar, fazia com que essa relação ganhasse a formação do significado, ou seja, o olhar que um indivíduo com uma posição privilegiada de poder tivesse sobre o outro indivíduo desfavorecido, fazia com que tal relação de poder, colocasse o um dos indivíduos em desqualificação de relações. Isso ocorria frequentemente com mulheres fazendo com que o gênero feminino fosse submetido a esse olhar, e assim contribuía para a

mulher não desenvolver autonomia própria para discursar sobre seu gênero, como cita:

É na representação, entretanto, que o poder do olhar, o olhar do poder, se materializam; é na representação que o visível se torna dizível. É na representação que a visibilidade entra no domínio da significação. A visibilidade sem a representação realiza apenas a metade do percurso que liga a visão a linguagem: aqui as coisas visíveis são vistas, já, como dependentes do significado, como dependentes de representações anteriores [...] É na representação que se cruzam os diferentes olhares; o olhar de quem representa, de quem tem o poder de representar, o olhar de quem é representado, cuja falta de poder impede que se re-

presente a si mesmo. O olhar como uma relação social sobrevive na representação. O olhar é, nesse sentido, não apenas anterior à representação: ele é também seu contemporâneo (SILVA 2002, p. 12 APUD TEDESCHI, 2008 p.96).

Desta forma, algumas pessoas possuíam cargos e funções que faziam a sociedade funcionar, dentro delas, o político tinha uma função importante em construir o sistema de formas e saberes através do ensino filosófico. Tal importância se dá pelo fato de que a língua, o diálogo são a base da formação da característica de humanização do indivíduo. É a pela palavra que o indivíduo torna-se humanizado. (TEDESCHI, 2008)

Com isso, uma das atribuições desse processo de hu-

manização é formar o indivíduo para função de político, e assim, uma de suas principais designações era intercambiar em praças públicas, através da língua e o diálogo (na posse do Logos) sobre o saber político filosófico. Quem não poderia estar em contato dessas falas eram escravos, bárbaros, estrangeiros e mulheres. Podemos ver que em um primeiro contato sobre a explicação dos dados de realidade através de uma prática discursiva cultural, que é a filosofia, a mesma exclui a participação da mulher colocando-a na mesma medida de outras classes de indivíduos que sociedade antiga entende que são desprovidos de estar em contato com essas representações discursivas. A consequência dessa atitude tem como efeito a construção de um discurso próprio sobre o que é a mulher, por negar seu contato com a palavra, e assim

por fim, ter qualquer relação com o discurso. (TEDESCHI, 2008).

Sem o contato com a palavra, não há discurso e assim as definições de existência e limites de corpos estão fadados a designação de quem detém tal recurso da palavra. É a partir dessas atribuições que todo um discurso ganha status sobre a diferença de gênero.

Outro importante fato a se considerar é que, dada tal situação de negar a palavra à mulher, seu existir foi definido e separado do homem, a saber, por uma relação de corpo e alma, ou seja, o homem era representado na linguagem pela alma, pelo universal e tradicionalmente a razão, o que lhe imputa o formador do conhecimento. E a mulher pelo corpo, sensibilidade e a poesia fazendo com que seu corpo seja definido como uma existência limitada ao saber (ANDRIOLI, 2010).

Resumindo, a fatos na história das relações de gênero, em que a mulher foi privada de estar em contato com diversas experiências, práticas e saberes que pudessem alavancar e se auto discursar filosoficamente a uma definição de sua existência e limites de seus corpos, é com base em toda essa experiência que surge a necessidade de compreender a importância que a linguagem tem para contribuir na mudança de posição de gênero, aja vista que foi tais posições lingüísticas que fizeram com que houvesse uma relação diferenciada entre os gêneros e isso perpetuou-se através dos anos.

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE LUDWIG WITTGENSTEIN E O CONCEITO DE JOGOS DE LINGUAGEM

A linguagem é um cam-

po que vem sendo estudado de diversas maneiras, tem seu destaque pelos estudos do filósofo Vienense Ludwig Wittgenstein, que desenvolveu um método de investigação filosófica, a fim de elucidar os questionamentos que existiam e vinham com o passar do tempo sobre a relação entre linguagem e mundo (RIBEIRO, 2014).

Mais precisamente, em sua obra “investigações filosóficas” Wittgenstein propõe formas de investigação dessas relações e inserir um conhecimento concreto, por meio da ferramenta da linguagem, para dizer a origem dos problemas metafísicos (RIBEIRO, 2014).

Segundo Ribeiro (2014), Toda base de compreensão a cerca dos valores e saberes universais consiste num sistema de linguagem. Tal importância decorre da necessidade de abarcar um

sentido amplo a compreensão da posição dos objetos no universo e sua relação com o todo. Ou seja, essa relação de compreensão não se dá pela nomeação das coisas pelas palavras e expressões num significado próprio, e sim pelas ações de uso nos “jogos de linguagem”. Assim tais relações abarcariam o sentido de todas as relações e interações dos indivíduos, como cita a autora:

A idéia de jogos de linguagem, colocada por Wittgenstein nas investigações filosóficas, rompe com a visão tradicional de que aprender uma língua é fornecer nomes aos objetos. E pela multiplicidade dos jogos de linguagem não é possível unificar a linguagem a partir de uma única lógica e formal pois, para este filósofo, a linguagem é uma atividade que ocorre em vários contextos

da ação (RIBEIRO, 2014 p.455)

Assim, no método de investigação de Wittgenstein, a linguagem ganha seu status de legitimação como ação a cada jogo diferenciado e não pela palavra como construção de significado de todas as coisas, isso faz com que exista a relevância na dominação do jogo de linguagem, para ai sim compreender a definição do objeto que está em jogo. Importante ressaltar que um dos campos de estudo da linguagem é designar objetos, mas não é o real sentido para Wittgenstein no uso desse método, aja vista a importância que filosofo da aos jogos de linguagem, para ai sim, creditar o significado do objeto que está em jogo, nomeando essa parte do método como ato secundário dentro de um processo de aprendizagem da vida do indivi-

duo (mais precisamente na sua infância) e com isso, desenvolver se para no futuro ter a capacidade e maturação dos jogos (RIBEIRO, 2014).

Em suma, o filosofo Vienense tem como intenção, expor tal método como forma de aprendizagem a interação de relações com o todo, a uma comunicação interpessoal (práxis) que através dos jogos de linguagem, seja possível a designação de objetos e formação e compreensão em um sistema de valores, saberes e posições na sociedade. Tais posições sociais são construídas através das relações de linguagem, ou seja, ela também é responsável pela formação de uma visão de mundo. Com isso, mais precisamente, em determinado jogo, a possibilidade de criar um declínio entre os participantes em determinado momento do jogo, é a razão para a existência

de relações injustas e opressoras, como cita a autora:

Ou seja, a linguagem não é somente uma estrutura de vocabulários, não é simplesmente uma gramática com o objetivo de ensinar alguém a escrever ou falar, a linguagem é uma forma de vida que traz em si valores políticos e sociais uma visão de mundo. Esses valores oferecidos pela linguagem, explicitando sua não neutralidade, recaem sobre determinados grupos, como as mulheres, ponto nevrálgico desse trabalho (RIBEIRO, 2014 p. 457)

Isso faz com que a linguagem tenha sua importância, tanto no funcionamento das relações como na descrição de uma situação em que os valores oferecidos por ela, caiam na desigual-

dade do existir humano, como acontece no caso do gênero:

LINGUAGEM E SUBVERSÃO DE GÊNERO

Depois da breve e importante explicação do método de investigação filosófico do de Wittgenstein, sobre as relações de linguagem intermediadas por um de seus conceitos mais importantes da obra Investigações filosóficas, o conceito de jogo de linguagem, fica esclarecido aqui à dinâmica que a linguagem oferece, quando se trata de compreender o que está em jogo, no dado de realidade vigente, ou seja, para designar os tais dados de realidade, é importante saber qual o jogo este dado está participando.

A importância da linguagem na formação do saber ocidental é fundamental para

compreendermos como desenvolveu-se o lugar de gênero. Para isso, é relevante compreender inicialmente, o por que do uso da filosofia da linguagem e suas interfaces e problemas de análise na compreensão da subversão de gênero e por que quando indagamos a palavra “gênero”, diretamente estamos falando do gênero feminino.

Para isso, precisamos entender quais são os valores que estão sendo debatidos nesse jogo de linguagem, como cita a autora:

Nesse sentido, a definição, por exemplo, da palavra mulher não será simplesmente “aquela que é fêmea ou possui qualidades de fêmea”, será uma maneira de interpretar o mundo de acordo com os valores que são passados pela linguagem, pelos valores que es-

tão associados ao que é fêmea (RIBEIRO, 2014 p.457)

Dentro disso, valores como submissão, sensibilidade e fragilidade ganham status no que concerne ao gênero, como se a essência do feminino estivesse atrelado ao conjunto de significados que lhe foi atribuído com o passar dos tempos. Outro fator que acaba ganhando a mesma interpretação é que, pelo corpo da mulher na linguagem, ser expresso pela poesia e sensibilidade, ganha o status da beleza, da estética e admiração por parte do homem, fazendo com que a existência da mulher limite-se a esses valores, e assim, o gênero é enquadrado sem qualquer tipo de perspectiva de ocupação de espaços a partir de sua autonomia (RIBEIRO, 2014)

Mas, como análise de

RIBEIRO, 2014
p.459)

interfaces da linguagem é um problema a ser investigado em uma trajetória histórica e epistemológica, é importante enfatizar que os valores políticos e sociais construídos na antiguidade, (desenvolvidos nesse trabalho) passados através dos tempos pela linguagem, sem uma checagem e reflexão profunda a cerca de tais valores, resultou nessa subversão da relação da igualdade de gênero:

Esses valores tornam-se aceitos pela sociedade fazendo com que as mulheres acreditem neles e privem-se de ocupar certas posições por acreditarem que suas essências não o permitem, e aceitem que os homens é que devem ocupar as posições de poder, pois são os únicos capazes de transcender a si mesmos (GNERRE,2003. P22 APUD

Se for dito que tais cargos e funções sociais são destinados a determinados grupos e classes de pessoas, através dos tempos como justificava de ser uma “norma” é natural que indivíduos fora dessas classes e grupos sintam-se submissos marginalizados e alvo de estigmas e dos mais diversos preconceitos. E com isso tais justificativas de revisão dessas premissas, perdem-se nos tempos por serem passados sutilmente na linguagem. Daí a grande importância de identificar qual é o jogo de linguagem que esta sendo utilizado para descrever a relação de gênero que está em atuação, Isso faz com que torna se mais difícil buscar e identificar os espaços de emponderamento, e com isso questionar como as coisas chega-

ram aos dias de hoje

Já por outro lado, por que quando falamos da palavra gênero, naturalmente estamos falando do gênero feminino? A resposta está na descrição da construção lingüística que propõe Ribeiro (2014):

Ao se utilizar do termo gênero, a primeira associação que se faz comumente, é a idéia de que se está falando de mulheres. Por que não se pensa no masculino, se este também é um gênero? Da mesma forma que ao dizer “fulano é especialista sobre questão racial”, logo se pensa que esta pessoa é uma profunda conhecedora da problemática do (a) negro(a) na sociedade. Outro exemplo que ilustra o argumento é de que não se diz “fulana é especialista em cultura branca”, se diz “fulana é es-

pecialista em cultura brasileira”, Porém, se afirma comumente que “tal pessoa é especialista em cultura negra”. Existe uma escala hierárquica do que é considerado mais legítimo. (RIBEIRO, 2014 p.459)

Com isso, podemos afirmar que essas designações referem-se a um lugar específico de conhecimento sobre determinado assunto, no caso o gênero e a cultura. Tais designações são importantes para a manutenção do poder, já que estamos falando de uma sociedade em que tem seus valores políticos sociais subvertidos passados através dos tempos,

Outro apontamento a cerca da desigualdade de gênero está sobre como livros e escritos utiliza-se da palavra homem para designar muitas coisas na historia do mundo, como a pa-

lavra humanidade, ou como um aglomerado de pessoas que estiverem reunidas em um grupo, basta a presença de um homem para que a flexão de gênero seja para o masculino, isso faz com que desde a infância, todas as informações que chegam para o desenvolvimento da criança, tenha uma predominância ao masculino (RIBEIRO,2014)

Como efeito da linguagem também nos escritos, cria-se uma rede de significações que se enquadra toda a palavra mulher fazendo parte de uma relação secundária, com seus contornos definidos e limitantes, Encontramos aqui uma possibilidade de pensar que tais construções linguísticas são imprescindíveis na definição do corpo feminino por um discurso passado nos tempos formado pelos detentores da sabedoria filosófica, no caso, os Homens

UM CORPO POSSÍVEL NA LINGUAGEM WITTGENSTEINIANA

Por definição de corpo, temos a primeira definição físico-biológico que determina quais são as especificidades em que se enquadra o corpo apresentado, como braços pernas, olhos boca, cabeça e as demais partes que compõe tal. E com isso, enquadra se o gênero pelo sexo a partir do órgão genital e outras especificidades que determinada classe tem (Homens pênis, Mulheres vagina, seios etc) Mas, a definição de um corpo e de seu gênero não restringe-se somente a essas categorias

Na linguagem, vemos possíveis definições de corpo como: contornos de produção inanimada de discursos, extensão e junção de partes em que

manifestasse os sentidos e as paixões, e também o lugar de praticas e formação de subjetividade. Tudo isso, designa ao corpo, o status de ser o próprio significado existente, que permite ser dessa ou daquela forma, que transcende o seu funcionamento físico-biológico, e que lhe dá a responsabilidade de produzir essências através de possibilidades de existir.

Martins (2010) cita como podemos buscar uma forma de definição de um corpo utilizando-se o conceito de linguagem

It is noteworthy that in all languages the greater part of the expressions relating to inanimate things are formed by metaphor from the human body and its parts, and from the human senses and passions. Thus the head for top or beginning; the

brow and shoulders of a hill; the eyes of needles and potatoes; mouth for any opening; the lip of a cup or pitcher; the teeth of a rake, a saw, a comb; the beard of wheat; the tongue of a shoe; the gorge of a river; a neck of land; an arm of the sea; the hands of a clock; heart for center (the Latins used umbilicus, navel, in this sense); the belly of a sail; foot for end or bottom; the flesh of fruits; a vein of rock or mineral; the blood of grapes for wine; the bowels of the earth. Heaven or the sea smiles; the wind whistles; the waves murmur; a body groans under great weight. (...). Innumerable other examples could be collected from all languages. (VICO,1991, p.405 APUD MARTINS,

2010]

A Definição de corpo ter a mesma designação em outros idiomas, segundo citação da autora nos remete a pensar que a dimensão poética do corpo tem suas especulações e significados a corrente de todas as línguas, falas e idiomas. Todos os sistemas de linguagem oferecem palavras, definições e versos para construirmos a idéia de corpo em suas vivencias abstratas e particulares, mostrando que o corpo não é limite, mas inicio, inicio de uma dimensão sensível no que concerne a experiência de se conhecer o mundo de forma igualitária.

Se o corpo é metáfora, e possui uma atuação na dimensão lingüística de transcender contornos e limites, o corpo é o veículo de expressão do gênero na linguagem, ou seja, o gênero

existe pelo meio do corpo, se expressa por ele e assim, busca suas definições de existência por meio de tal, ora, se o corpo é a interface, o que seria o fator de desigualdade de gênero se as mesmas sensações e definições presentes no saber e constructo da corporeidade, passa pelas mesmas sensações e experiências?

Para Wittgenstein, o erro de alguns pensadores está na idéia de que a essência da linguagem é a representação, ou seja, que o significado das coisas está na representação dos objetos na realidade do pensamento, como cita Martins (2010):

As a backdrop to the specific considerations to be developed here, it may prove useful to begin by briefly highlighting a few general aspects of Wittgenstein's unique brand of anti-foundationalism. His critique of the

foundationalist enterprise is coeval, as we know, with a critique of the semantic reductionism inherent to the age-old image of language as a system of representation. Under a Wittgensteinian perspective, the essence of language cannot be representatio. (MARTINS, 2010)

Ou seja, se a essência da linguagem não pode estar na representação, podemos pensar que o significado do objeto que está sendo interpretado pela realidade da mente, está no jogo de linguagem em que esse objeto está participando. Assim, podemos afirmar que o corpo não pode ter uma representação como essência e definição por mero fato físico-biológico, mas que, o que vai ditar e dizer o seu real signi-

ficado é o jogo de linguagem em que ele está inserido e por fim, o gênero será designado de acordo como esse jogo irá se desenvolver e se reinventar até o próximo jogo.

Com isso, é importante ressaltar que dificilmente podemos falar de gênero sem mencionar um corpo, pois ambos estão entrelaçados em sua definição de existir, e ambos passaram por designações correlacionais de uma existência limitante para a mulher. Se o corpo é metáfora, se o corpo é extensão de produção de subjetividade, e através de tais metáforas, a linguagem encontra sua forma de expressão no corpo, logo, o corpo feminino não possui um limite determinante a partir desses valores construídos e trazidos no presente trabalho como “poesia e sensibilidade” ou desprovido de acesso ao transcendental e a alma, pois tal defi-

nição será designada ao modo de existir que esse corpo esta desenvolvendo dentro de determinados jogos de linguagem, logo, o gênero não possui um caráter estático de poder segundo a linguagem wittgensteniana, mas sim, são transcendentais a experiências particulares que cada um deles se submeter no universo lingüístico em que estão existindo. Seja pela narrativa ou pela metáfora.

Referências Bibliográficas

ANDRIOLI, L.A. (2010). O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade In: Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUÍ, 2010. Link:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/

FILOSOFIA/Monografias/corpo_mulher_filosofia.pdf

MARTINS, H. (2010). Wittgenstein, the body, its metaphors In: Delta vol.26 no spe São Paulo, 2010. Link:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=2-44502010000300005&lang=pt

RIBEIRO, D (2014) Linguagem, gênero e filosofia: qual o mundo criado para as mulheres? Uma abordagem Wittgensteiniana In: Sapere Aude – Belo Horizonte, v.5 - n.9, p.453-463 – 1º sem. 2014. ISSN: 2177-6342. Link: <file:///C:/Users/Micro/Downloads/7674-28303-1-PB.pdf>

TEDESCHI, I, O (2008), O Discurso filosófico: Definindo o corpo In: Filosofazer. Passo Fundo, n. 32, jan./jun. 2008, p. 95-108.

Link: <http://filosofazer.ifibe.edu.br/index.php/filosofazerimprensa/article/viewFile/179/176>